

SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE: breve contextualização espaço temporal

Douglas Souza dos Santos¹
Giliana Zeferino Leal Mendes²

RESUMO

Em se discutindo sociedade versus meio ambiente, ao que aparenta não há resultados plausíveis, são mais de 60 anos de discussões e meio ambiente físico continua sendo depauperizado dia após dia. Neste breve estudo procura-se analisar alguns teóricos que trabalham a temática proposta, refletindo algumas problemáticas tais como: por que a sociedade sabe da importância de um meio ambiente limpo e agradável e contudo a deteriora-lo? Com tantas leis ambientais o que falta para a engrenagem ambiental/social funciona? Até onde os parâmetros da educação ambiental funcionam? Entre tantos outros que podemos observar nos palcos das discussões que envolvem o tema. No intuito de entender melhor essas questões e em atingir o objetivo proposto, houve a necessidade de usar as ferramentas disponibilizada pela pesquisa bibliográfica, mediante o estudo e análise crítica reflexiva de autores como: Stoer, Castells, Carvalho, Layrargues entre outros. Após o estudo, pode-se dizer que a dualidade entre sociedade e meio ambiente, ainda vivenciará muitos conflitos e empasses.

Palavras chave: Sociedade. Meio ambiente. Educação Ambiental.

ABSTRACT

In discussing whether society versus the environment, it seems there is no plausible outcomes, are more than 60 years of discussions and physical environment remains depauperized day after day. In this brief study seeks to analyze some theoretical work that the proposed theme, reflecting some issues such as why the company knows the importance of a clean and pleasant environment and the deteriorating contundia it? With so many environmental laws that lack the gear to environmental / social work? As far as the parameters of environmental education work? Among many others who can observe the stage of the discussions surrounding the topic. In order to better understand these issues and achieve the proposed objective, it was necessary to use the tools available from literature, through the study and reflective

¹ Graduado em Geografia pela UFT e Doutorando em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Portugal.

² Graduada em Geografia pela Fundação Universidade Federal do Tocantins (UFT). Especialista em Gestão e Educação Ambiental pela Faculdade de Tecnologia Darwin, em Geografia pela Faculdade Rio Sono e Cursando Especialização em Auditoria e Certificação Ambiental pela FAPAF – Faculdade Antônio Propício Aguiar Franco.

critical analysis of authors such as: Stoer, Castells, Carvalho, Layrargues among others. After the study, we can say that the duality between society and environment, yet will experience many conflicts and empasses.

Keywords: Society. Environment. Environmental Education.

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo serão apresentadas, as grandes referências da discussão entre sociedade e o meio ambiente que se inserem. Sua historicidade, efeitos sociais, os pensamentos perante a crise ecológica, enquanto em suma está sendo analisada a teoria social e a questão ambiental, para entender o Paradigma denominado Verde, que leva em pauta, por exemplo, a Educação Ambiental.

Trata-se de uma temática complexa, cheia de contradições, muita história, leis, desgastes, e poucos resultados visíveis, que verdadeiramente podem ser vivenciados. As discussões acerca da mesma se remontam de aproximadamente 1920, através de reuniões, as quais cominaram muitas vezes em documentos, que se tornaram base para as sociedades mundiais. No entanto para a concretização desse acordo é necessário ações locais, o que se torna algo difícil de acontecer.

Objetivou-se com o mesmo, estudar e analisar criticamente os arcahouços que envolvem a temática sociedade e meio ambiente. Justificando o mesmo através de muitos problemas que o envolve, como podemos citar o consumismo desenfreado imposto pelo sistema capitalista, à desvalorização do ser humano em prol do ter a qualquer custo, entre tantos outros problemas os quais, convivemos cotidianamente.

Como recurso facilitador a elaboração do presente estudo, utilizou-se dos recursos oferecidos pelas técnicas da pesquisa bibliográficas, através da seleção, leitura e análises de materiais que se propuseram a discutir o tema em foco.

Nessa contextualização apresentada, é possível conhecer, compreender melhor o envolto da temática, no entanto não foi o suficiente para chegar a afirmativas acerca do mesmo, ficando assim aberto a cada um, tecer suas próprias considerações.

2 DISCUTINDO E ANALISANDO A TEMÁTICA TEORICAMENTE

2.1 Meio ambiente e seu uso racional

Cabe iniciar as análises com um questionamento a respeito de soluções para determinadas implicações nas problemáticas, relacionadas ao uso do meio ambiente: O meio ambiente é uma ilha?

Segundo Stoer (2004) tendo o homem como o protagonismo dialético que correspondem às novas formas de cidadania, e a reconstrução do caráter científico se reconfigurando numa nova perspectiva ambiental global, que na concepção de Castells (1999), está baseada numa sociedade ligada a Era das informações, comunicações, coletividade, e rede, na qual se definem novos valores a defender de caráter social, cultural e ambiental. É neste ambiente organizacional que sobrevive às mudanças de ideias, nos novos paradigmas do século XXI, que pretende difundir a ideia que o individualismo não é necessário, e intensifica que o mais racional é o uso de produtos para necessidades, do que produtos para o consumismo desnecessário partindo deste princípio, que os Estados - Nação não tem muita autonomia, de intervir na vida das pessoas, mas deva promover uma ideia de utilização através da educação que convenha à temática ambiental.

Partindo da temática ambiental, apresentam-se algumas das importantes ideias do uso Racional do Meio Ambiente, pois na Teoria Social, esta temática está conjugada ao ideal de recursos humanos, que tentar explicitar que os humanos tornaram um recurso de capital, de produção, de compra e de consumo, ofertando a consequência de recurso de degradação, e vem alertando uma das alternativas que coíbe esta temática que ser apresentada.

De todas as alternativas, a principal delas está acerca da água, que segundo a UNESCO apud (Metodologias para o Desenvolvimento Sustentável, 2006) apresenta o valor da água da seguinte forma: “A água faz parte do patrimônio do Planeta. Cada Continente, cada povo, cada nação, cada região, cada cidade e cada cidadão é plenamente responsável por ela diante de todos”.

Analisando que as sociedades humanas têm uma interdependência na utilização da água, pois, ela ocupa quase 70 por cento da superfície terrestre, e que a maior parte da água da superfície da Terra, tem 97 por cento de composição de

água é salgada, e apenas 0,01 por cento é composta por água de consumo, denominada de água potável, ou seja, numa distribuição planetária de mais de 7 bilhões de humanos, tem como disposição uma pequena quantidade de água (0,01%), e a água potável é mal distribuída no planeta. Sendo de extrema importância a sua conservação e preservação.

Contudo, ao observarmos o consumo médio de cada ser humano, segundo dados das Nações Unidas, em 2006, foram de 130 litros de água por dia, isto se deve, aos novos padrões de consumo ligado as novas tecnologias que dependem do uso da água, mas em quantidades superiores que não convém com as reais necessidades de consumo. Em razão disso, há uma disparidade regional e econômica, no que corresponde aos padrões de consumo de água, a citar da região amazônica que detém 05 por cento de água potável no mundo para uma população média de 40 milhões de habitantes, esta porcentagem de água da Amazônia brasileira, apresenta 80 por cento do líquido no País, enquanto o Estado de São Paulo, que se localiza na região Sudeste do Brasil tem apenas 01,6 por cento de água para uma população de mais de 40 milhões de habitantes.

Estes problemas de consumo de água no Brasil, ainda se somam a escassez de água na Região Nordeste, e o pior a contaminação de água determinada pela poluição, causa muitas vezes proveniente do mau saneamento e que afetam direta e indiretamente as populações de mais de 80 por cento das grandes cidades Brasileiras.

Disto tudo há uma emergência acerca de reaver os padrões de consumo e estabelecer metas de utilização racional da água, que segundo informações da obra intitulada de almanaque da água da (SABESP, 2008), “devemos diminuir o consumo doméstico da água; Reduzir o uso de fertilizantes e agrotóxicos na agricultura para que os rios tenham índices de poluição reduzidos”.

Porém muitos entram na justificativa de não se preocuparem com os outros e muito menos com as gerações futuras. Na identificação de outros Recursos Naturais de Grande importância para racionalizar, evidencia-se as fontes primárias de matérias primas, no que corresponde aos Minérios, sobretudo, o Ferro (Fe) e a Bauxita (Al), pois tem uma grande importância na produção industrial, desde a fabricação de carros, como também na utilização para construção civil, e seu uso racional, está na implicação do reaproveitamento e/ou na reciclagem do recurso, atrasando a utilização do seu recurso primário em seu *lôcus* natural.

Outros Recursos Naturais que estão no debate ao seu uso racional é o plástico, feito de material de origem petrolífera, que implica na extração deste recurso natural que também é energético e que causam danos ambientais. E tendo como sugestão da alternativa do uso do plástico é a utilização de outros meios que alteram este recurso, com um feito de fibra de milho, por exemplo.

Percebe-se que inúmeros estudos efetivam os valores dos recursos naturais, e suas implicações socioeconomicoculturais, mas, em fatos o poder hegemônico apenas visualiza como bem econômico e não reveem as suas consequências e a dimensão de seus efeitos, que podem ser na ordem ambiental, econômica, cultural e social.

2.2 Efeitos Sociais da Crise Ecológica

Segundo o debate apresentado por Rousset (2001), representou o fato de que não há maneira de tratar de forma independente o campo político e social da temática ecológica, pois não há como separar estes conjuntos, um de caráter social e outro de caráter ecológico, em adesão de frases: “salvar o planeta e salvar a humanidade.”. Partindo deste pressuposto, podemos considerar que a ecologia é um dos fundamentos sociais, pois sofrem as consequências de uma crise de dinâmica global, baseada no desenvolvimento de uma produção pela produção, somadas às dinâmicas energéticas que necessitam de um combustível mais eficaz, que foi no caso elétrico, e petroquímico, expandindo cada vez mais a sua produção industrial justaposta à rede de transportes.

Muito se analisa a respeito dos efeitos sociais da crise ecológica, devemos considerar que o custo humano na crise ecológica é muito alto, e os modos de compensação tem custo caro e demasiadamente prolongado, exigindo um grande espaço de tempo para se reiterar na sua ação natural.

Nisto, podemos observar que, isto nos remete no modo de produção, na qual muitos países para obterem o seu desenvolvimento econômico, declaram da necessidade de devastação ambiental, denegrindo os compromissos assinalados em eventos de cunho de defesa do meio ambiente, como exemplo: A produção Industrial dos Estados Unidos, romper com os acordos firmados pelo Protocolo de Kyoto, no ano de 1997. No que tange aos pilares do desenvolvimento econômico

apresentado pelo sistema capitalista, devemos observar que os que remetem maior impacto ambiental são da ordem da: Agroindustrial; Indústria Petrolífera; Nuclear; Indústria Química; e Transportes.

Estes exemplos supracitados criam uma tensão de que, se não ocorrerem do usufruto dos recursos naturais, produção e por seguinte consumo, não poderão oferecer ao país, empregos, ocasionando um problema de ordem econômica e social no lugar.

Estas afirmações dimensionam o sistema econômico de ordem global no mundo pós-moderno, que define os comandos das grandes empresas de ordem econômica, e privilegiando uma crise da ordem ambiental. E que estabelecem critérios de aceitação mundial, para todos e que poucos conseguem cumprir, que será apresentado no Fluxograma a seguir:

Verifica-se assim, que a crise ambiental³ no início deste século é resultante da invasão dos espaços coletivos pelos interesses privados com usos abusivos. E que, no consumismo e o fácil acesso ao recurso ambiental, acarreta a sua exploração de forma excessiva, resultando que não tem ninguém como verdadeiro detentor do recurso. Para a detenção deste recurso perverso, devemos observar os sentidos das relações entre as sociedades e seu meio ambiente em que se inserem.

2.3 As Relações entre as Sociedades Humanas e seu Meio Ambiente, a Natureza, a Biosfera

Baseado neste enfoque do subtópico, devemos identificar as dimensões epistemológicas da educação ambiental na relação homem – natureza, que identificaram em suas determinadas disciplinas: Biologia, Química e Geografia, mas que há uma pluralidade de disciplinas que também se abastecem nesta dimensão, oferecendo não um sentido interdisciplinar, que ocorrem de maneira separada, organizada por um projeto, uma data e um sentido, mas como um efeito transdisciplinar, que ultrapassam as barreiras organizacionais da Educação, tornando um corpo ou até uma instituição, não com vistas de atender as necessidades emergentes da sociedade e sim criar um sentido para o futuro.

³ Artigo de Philippe Pomier Layrargues, no título Educação para a Gestão Ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais, e produzido no livro: **Sociedade e Meio Ambiente: A Educação Ambiental em Debate**.

Nisto, podemos evidenciar a emergência de uma crítica política e análise estrutural dos problemas que vivenciamos. Para verificar as dimensões, devemos observar que quanto mais ocorrem os projetos de lógica instrumental do sistema vigente, ocorrem inequívocos que impedem uma ação educativa mais vigente de ordem que consolidem a nova relação sociedade-natureza, e que assegure as condições materiais de igualdade social para que isso ocorra em bases efetivamente sustentáveis.⁴ Problematisando o conceito da relação humana e natureza, Carvalho (2008, p. 91) informa que:

E por tudo que vimos discutindo, torna – se importante considerar a historicidade das questões ambientais, evitando uma abordagem atemporal e essencialista que ignora as circunstâncias históricas em que se produzem os diferentes modos de compreensão e significação humana do ambiente.

Para compreender a relação homem – natureza, sintetizaremos o pensamento moderno acerca dessa relação, que nos Século XIX e início do Século XX, baseadas nos conhecimentos que separaram a relação do homem e natureza, tornando sujeitos isolados, que não há uma aplicação da relação que implicaria no futuro dos dois sujeitos, que foram demonstrados desde os conceitos da História do Pensamento Geográfico⁵ pelas escolas clássicas: Alemã – Determinista, por Ratzel⁶ e Francesa – Possibilista, por La Blache⁷.

Estes pensamentos modernos de cunho positivista supracitado, não reconheciam a verdadeira influência da natureza sobre os seres humanos, mas

⁴ Artigo apresentado Por Carlos Frederico Bernado Loureiro, no tema: **Teoria Social e Questão Ambiental:** pressupostos para uma práxis crítica em educação ambiental. , e produzido no livro: **Sociedade e Meio Ambiente:** A Educação Ambiental em Debate.

⁵ A Escola defendida foi reconhecida em meados do Século XIX, de maneira discreta emancipando o conhecimento geográfico num conhecimento acadêmico, com teorias e métodos, que teve relações em disciplinas nos currículos universitários nas áreas de humanas e por seguinte em demais ciências. Abordando em suas obras, estudos e produções o seu reconhecimento como ciência. E apresentando as suas quatro fases iniciais que pos – seguinte decorreram na sua evolução: determinismo geográfico, geografia regional, geografia qualitativa e geografia radical.

⁶ Escola Determinista, visava que, as características dos povos tem relação com o espaço natural, e que tinham como principais pensadores desta escola: Ellen Churchill Semple, Carl Ritter, Ellsworth Huntington e Friedrich Ratzel, que defendia que os espaços naturais não determinam os comportamentos humanos que se inserem no espaço, as suas características culturais e civilizatórias. Visando o fator natureza, como apenas um elemento oferecedor de recursos naturais.

⁷ Escola Possibilista, ou conhecida como Escola Regional, baseava a importância de estudar o espaço geográfico em suas particularidades, interagindo o lugar aos detalhes e materializando a relação homem – natureza, subdividindo por lugares e apenas descrevendo as suas particularidades. Tinham como principais pensadores desta escola: Richard Hartshorne e Paul Vidal de La Blache, que descrevia que cada região tem a sua paisagem, e que o fator natural se relacionava com o seu local, tornando um poder micro.

reconheciam que tinham um valor de recurso na escala macro, e que a função espaço – tempo – homem – natureza tinha uma linguagem cronológica e narrativa.

Com a revolução tecnológica, principalmente após a Segunda Grande Guerra Mundial, tornou a Geografia um importante fundamento de espaço territorial, principalmente, demonstrado na Guerra Fria, com a corrida espacial entre Estados Unidos e a Ex-União Soviética, que complementou na ciência os estudos matemáticos e suas estatísticas, tornando a ciência mais pragmática e usual, na teoria neopositivista, a visão da Geografia foi transformada em números e dados estáticos, nas explicações das realidades apresentadas e no fomento da relação Sociedade – Natureza decorreu no ápice da explicação do espaço natural como elemento de dimensão territorial na proporção de enfatizar como recurso natural – econômico, sem implicações sociais, tornando a natureza como mero produto a adquirir. E convertendo como Geografia Quantitativista⁸.

Na contemporaneidade a pós guerra, surgiu o pensamento de cunho crítico, manifestados por relações de cunho humano, preocupado em defender diversas causas, principalmente de cunho social, e que foram refletidos no sentimento da relação sociedade – natureza, fundamentados na superação das necessidades da humanidade perante ao sistema vigente no momento que se inserem, e que no influxo do pensamento Marxista, de Foucault, Sartre, referenciou a importância e integração da relação sociedade e natureza, no intuito da continuidade para o desenvolvimento de um pensamento identificado com as causas de conflito, para esclarecer os fatos e evidenciar a preocupação com a causa ambiental, e tendo como um dos principais pensadores desta linha de pesquisa, Yves Lacoste, Paul Claval, Pierre George, Ruy Moreira e Milton Santos.

Na continuidade do pensamento sobre a relação sociedade – natureza, surgiu como pensamento de cunho maduro, o pensamento pós moderno, que evidencia as relações da sociedade natureza, Pós Guerra Fria, com a aplicação do desenvolvimento tecnológico de cunho capitalista, a quase todas as regiões do planeta, refletidos no contexto de globalização, que tem como linguagem romper as fronteiras, mas, que na verdade, criam novos muros que complica a toda sociedade

⁸ Escola Quantitativista, visava numa visão positivista, na aplicação das leis e suas linguagens matemáticas acerca do espaço geográfico. Na explicação de números, não aceitavam as suas subjetividades. Tornou o ser como um mero número e o espaço natural como mera simbologia numérica. Cujo a natureza é importante para o Estado como recurso econômico implementado na lógica do sistema capitalista.

mundial de participar efetivamente desta nova modalidade presente, que tem como apresentações, a fragmentação do estado, da sociedade, a tentativa de homogeneização do pensamento mundial, desqualificando as culturas e ao mesmo tempo, a promoção da sociedade do consumismo e informação, destas feitorias e conseqüências, nunca o meio ambiente foi tão explorado, e tem diversas conseqüências, que agora apresenta uma escala global, neste novo mundo apresentado a sociedade do espetáculo, vários pensadores desta nova linha, conhecida como linha de pensamento pós – moderno, apresenta que os paradigmas da modernidade entraram, pois não correspondem as necessidades da sociedade da atualidade. E que o fator sociedade – natureza, nunca foi tanto debatida.

Na crise dos paradigmas, refletiu também no ambiente escolar e acadêmico, procurando a todo custo procurar respostas coerentes que coíbem as principais causas e conseqüências da atualidade, surgiram diversas vanguardas, que tentam manifestar e solucionar os problemas apresentados na Sociedade em Redes⁹, na fragmentação da política do Estado¹⁰, e que estes modismo da cultura do espetáculo, que fazem a massificação do conhecimento, em detrimento da humanidade não conhecer todas as reais idealizações do sistema capitalista na conjuntura global.

Na vanguarda do pensamento pós – moderno, tem como manifestação o pensamento do Paradigma Verde, que tem uma visão multidimensional, e soluta um novo olhar da relação Sociedade – Natureza, implementando a preocupação de todos para o futuro da própria humanidade pela preservação do espaço que se inserem.

2.4 Paradigma Verde

Muito tem se debatido acerca do pensamento paradigmático, na crise do pensamento pós-moderno, que é norteador do atual cenário cultural, econômico, político e social, se expandindo em diversos setores do pensamento teórico, em que

⁹ CASTELLS, 1999.

¹⁰ Norberto Bobbio, um dos principais filósofos, que estabeleceu o esclarecimento do poder político sobre o Estado, e manifestava em seu legado a democracia e acesso de todas as camadas da sociedade pelo poder no Estado, privilegiando a necessidade de todos, sem fragmentar o ambiente que vive.

a teoria pedagógica não foge deste influxo. (BAIOCCHI, SANTOS, 2011). Partindo deste pressuposto devemos entender o conceito de Paradigma, que segundo Baiocchi e Santos (2011), apresenta:

Entende-se por paradigma aquelas determinações de consciência e percepção individuais e coletivas próprias de cada realidade social e cultural no qual estamos inseridos. Desse modo, constitui uma categoria de conhecimento, modelo ou padrão que se segue em determinada época ou período histórico. No entanto, tal mudança não é fruto de circunstâncias imediatas de insatisfação a determinado modelo, mas se configura de acordo com situações que somadas, dão sentido as revoluções, em paralelo com as revoluções políticas. Isso se dá à medida que tal modelo com o qual os homens se identificam e a partir do qual suas relações interpessoais se dão, entram em crise.

O Paradigma Verde, não foge desse influxo, devido no presente acompanhar o Paradigma Pós Moderno, em que o cenário atual é composto por uma sociedade global cada vez mais tecnologizada e complexa, composta por indiferenças culturais significativas, em que seus valores éticos são discutidos, e transmitidos pela comunicação de massa¹¹, e que privilegia a cultura do espetáculo, na massificação dos sentidos, problematiza outros valores éticos e que constroem a sociedade assistida.

Para a reação desta sociedade assistida, na fragmentação do Estado Pós Segunda Grande Guerra Mundial, a Eclosão do Socialismo Soviético em regiões da Europa Oriental, África, e Ásia, o Início e Fim da Guerra Fria, que surgiram movimentos populares, que tinham as suas políticas de apoio, no âmbito feminista, cor, gênero, social, cultural e também no âmbito ecológico.

Nesta ruptura de valores concretos, e na formação de novos valores, que a questão ambiental surge como movimento político de causa planetária, na qual o sujeito a se pensar, conservar e proteger, foi o planeta Terra. Um novo contexto do pensamento educacional manifestado ao pensamento do meio ambiente.

Do mesmo Paradigma Verde, correspondem os ideais que superaram os Paradigmas Anteriores, que eram modernos, racionais, positivos, lineares que não conseguiram responder as necessidades das implicações postas em relação à questão ambiental, identificando o individualismo que porventura, totalizam em resoluções menos eficazes, pois não tem como explicar a realidade presente. Já o

¹¹ Dialética do Esclarecimento, obra de ADORNO e HOCHEIMER.

Paradigma Verde¹², que segue a uma vertente pós-moderna, identifica que os problemas ambientais têm muitas dimensões, que se compromete com a sustentabilidade, que analisam todas as consequências respeitando os juízos regionais para se complementarem de acordo com suas características socioculturais, na justaposição de um ideal de “Planetabilidade”, numa linha de ação Global (Global e Local), atendendo as necessidades reais da humanidade, respeitando as suas identidades, no âmbito de participar e empreender pessoas no entendimento da realidade, emancipando – os e transformando – os, em seus processos formativos, políticos e educativos.

Concordando a esta linguagem de “Planetabilidade”, de Franco *apud* Leff (2010, p.143) adverte que:

O saber ambiental nasce de uma nova ética e de uma nova epistemologia, na qual se fundem conhecimentos, projetam valores e se internalizam saberes. Para aprender a aprender a complexidade ambiental é necessário desaprender e dessujeitar – se dos conhecimentos concebidos. O saber ambiental é um questionamento sobre as condições ecológicas da sustentabilidade e as bases sociais da democracia e da justiça; é uma construção e comunicação dos saberes que colocam em tela o juízo das estratégias de poder e os efeitos de dominação que se geram através de formas de detenção, apropriação e transmissão de conhecimentos.

Nesta formação do Paradigma Ambiental, há a necessidade de profissionais conscientes¹³ e engajados como meta a função como elemento de religação dos valores de coletividade, da cultura/natureza, da sociedade/meio ambiente¹⁴.

Muitos se relacionam aos objetivos da educação relativa ao Paradigma ambiental, que no meio social podemos evidenciar da seguinte maneira segundo Giordan (1997, p.10):

Os objectivos da educação relativa ao ambiente são os seguintes:

1 A Consciencialização: Ajudar os indivíduos e os grupos sociais a tomar consciência do ambiente global e dos problemas dele dependentes. Ajudá-los a sensibilizar-se para as questões do ambiente e da utilização e da gestão de recursos. **2 Os Conhecimentos:** Ajudar os indivíduos e os grupos sociais a adquirir uma compreensão fundamental do ambiente global, dos problemas dele dependentes, da presença da humanidade deste ambiente, da responsabilidade e do papel crítico que lhes cabe. **3 As**

¹² TRISTÃO, Martha. **A Educação Ambiental e os Contextos Formativos na Transição de Paradigmas**. Artigo adquirido pelo email: Martha@npd.ufes.br. Na data emitida: 25/05/2009.

¹³ É entendida como proposta de Paulo Freire (1977), na obra *Pedagogia do Oprimido*, que faz uma dialética entre a visão crítica da realidade e ação que transforma, e que os seres humanos se educam e são mediados no mundo em que se inserem.

¹⁴ Ibidem TRISTÃO.

Atitudes: Ajudar os indivíduos e os grupos sociais a adquirir valores sociais, sentimentos de vivo interesse pelo ambiente, uma motivação muito forte para querer participar ativamente na proteção e na melhoria do ambiente, assim como numa utilização e numa gestão dos recursos que sejam racionais e respeitadoras do futuro [...]. **4 As Competências:** Ajudar os indivíduos e os grupos sociais a adquirir as competências necessárias para a solução dos problemas do ambiente e dos que estão ligados à utilização e à gestão de recursos. **5 A Capacidade de Avaliação:** Ajudar os indivíduos e os grupos sociais a avaliar as medidas e os programas de educação em matéria de ambiente, em função dos factores ecológicos, políticos, económicos, sociais, estéticos e educativos. **6 A Participação:** Ajudar os indivíduos e os grupos sociais a desenvolver o seu sentido das responsabilidades e o seu sentimento de urgência em face dos problemas do ambiente, da utilização e da gestão dos recursos, a fim de quem possam garantir a execução das medidas apropriadas para resolver estes problemas.

Portanto, o Paradigma Verde, vem debatendo na necessidade de repensar o espaço da cidadania, estando relacionada ao exercício e enfrentamento da questão ambiental, que deverão ser vista como uma questão coletiva e publica, envolvendo todas as classes da sociedade, de forma clara da realidade, para por seguinte, resultar positivamente nos debates estabelecidos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adorno (1947) e Habermas (1963) defendem a vida sem significado, torna o ser humano, mais frio e isolado, ficando impertinente a união das sociedades para o bem comum. Mas, como superar essa e outras problemáticas apresentadas?

Quais metodologias viáveis trazem o sucesso da promoção de conservação do ambiente, sem que o mesmo ambiente torne no futuro um produto do capital tardio?

Na nova configuração da população mundial que estão conectados e ao mesmo tempo está isolado, como apresentar uma forma que una de maneira concreta para este problema, e que promova uma superação humana?

São tantos os questionamentos, os quais mesmo após os estudos e análises ainda ficaram sem respostas, e não se pode afirmar se algum dia alguém poderá respondê-los, cabendo a cada um busca compreender essa temática, em conformidade com sua realidade vivenciada, na busca por uma qualidade de vida melhor, o que não é sinônimo de luxo e mordomias.

Dados estas perguntas, cabe ao leitor promover a sua consideração para a emancipação real da sociedade e natureza, na fundamentação de um mundo melhor e justo. Na qual promova um verdadeiro sentido à vida da humanidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Tradução Guido Antonio de Almeida, Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 1999.

BAIOCCHI, A. B. C.; SANTOS, D. S. dos, **Educação e Novos Paradigmas: Os Caminhos da Aprendizagem no Século XXI**. Artigo apresentado na Feira Literária Internacional do Tocantins, FLIT, Palmas: 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. Editora Paz e Terra: São Paulo, 1999.

LEFF, Henrique. (Coordenador). **A complexidade ambiental**. Editora Cortez: São Paulo, 2002.

_____. **Epistemologia Ambiental**. 2ª Edição, Editora Cortez: São Paulo, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa, edições 70, 1997 [1963, 1968].

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernado; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo de Souza (Orgs). **Sociedade e Meio Ambiente: A Educação Ambiental em Debate**. 5ª Edição. Editora Cortez, São Paulo: 2008.

STOER, Stephen R; RODRIGUES, David; MAGALHÃES, Antônio M. (2003). **Theories of social exclusion/Teorias de exclusão social**. Editora Peter Lang, Frankfurt, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 2ª Edição. Editora Cortez, São Paulo: 2000.